

Título: ALFABETA – Laboratório de Alfabetização

Área Temática: Educação

Autora

Carolina Reis Monteiro

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação

Orientadora: Cristina Maria Rosa

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

Palavras-Chave: Letramento, Literatura Infantil, Formação de Professores

Resumo:

O artigo versa sobre uma ação extensionista que a Faculdade de Educação desenvolve desde 2003 cujo objetivo primordial é formar leitores em escolas pública do município de Pelotas. Parte da reflexão de que a extensão universitária é um princípio indissociável da pesquisa e ensino e profundamente necessária à flexibilização e integralização curricular. O grupo de leitura ALFABETA foi criado com o intuito de responder a uma demanda das escolas públicas e tem suas reflexões ancoradas nas contribuições de Lahire (1997), Ferreiro (1985, 1989, 2000), Abramovich (2002), Soares (1988, 1991, 2002), Mortatti (2000), Coelho (2000), Oliveira (2002) e Freire (1997). Autores como Ana Maria Machado, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Érico Veríssimo, Eva Furnari, João Simões Lopes Neto, Mario Quintana, Ruth Rocha e Sidónio Muralha foram os escolhidos para apresentar a literatura para as crianças que, encantadas com esse universo escrito, passaram a demonstrar maior interesse por práticas de leitura desde a mais tenra idade. A conclusão aborda o impacto dessa ação tanto entre os acadêmicos do curso como do público alvo, afirmando que ele alcança uma intensa e qualificada troca de saberes entre Universidade e Sociedade.

Introdução e Objetivos

Caracterizado como um grupo de leitura, o Projeto de Extensão “Alfabeta” teve início em 2003 com um pequeno grupo de estudantes do Curso de Pedagogia. O objetivo inicial foi propor um exercício de escrita para crianças que estavam na escola, a partir de leituras literárias e diálogos. Segundo as professoras, as crianças não gostavam de ler e escreviam parcamente.

Através dos personagens imortalizados pela literatura, as acadêmicas passaram a realizar leituras para crianças no ambiente da escola e incentivá-las a escrever cartas para os personagens que as visitavam. Imediatamente atendidos, logo estavam de posse da certeza que, por um bom motivo, crianças que estão aprendendo a escrever, escrevem.

A partir dali e no sentido de desenvolvimento do projeto foram adotados procedimentos em três campos: formação de acadêmicos, relação com a comunidade e formação de professores e bibliotecários. Esses três princípios norteadores do grupo de extensão se devem a evidências recolhidas em interações anteriores com o público alvo do alfabeto: primeiro, a frágil formação dos acadêmicos com relação ao universo da leitura e da literatura; segundo, ao desejo, intenso, encontrado nas crianças pela audição de histórias; terceiro, as raras oportunidades que professores e bibliotecários tiveram de se qualificar no campo da leitura e da literatura. E desse rol de demandas que surge o cíclico exercício extensionista, ou seja, formar leitores em três dimensões que são profundamente interligados: as crianças, a escola e a universidade.

Para dar suporte às ações pedagógicas das acadêmicas envolvidas com o “Alfabeta”, adquirimos um acervo de obras da literatura infantil que permitiram realizar o objetivo primordial do projeto: leituras públicas das obras.

A qualificação de professores e bibliotecários que atuam nas escolas públicas, tanto no Ensino Fundamental como na EJA foi pensada e vem sendo desenvolvida através de palestras, cursos e saraus. O foco, nesses momentos, é a divulgação de autores, obras e procedimentos referentes à literatura na escola.

Para desenvolver com qualidade esse trabalho, obras sobre literatura são acionadas, entre elas, “Como e por que ler os clássicos infantis desde cedo” de Ana Maria Machado, “Literatura Infantil: gostosuras e bobices” de Fanny Abramovich, “Estão mortas as fadas?” de Marly Amarilha, “Literatura infantil: teoria, análise, didática” de Nelly Novaes Coelho, “Literatura: leitores & leitura” de Marisa Lajolo, e “Como e por que ler a literatura infantil brasileira” de Regina Zilberman. O “Alfabeta” então, tem sido um ponto de encontro, de divulgação e de acesso ao conhecimento literário para a infância.

Metodologia:

A metodologia empregada pelo “Alfabeta” tem início em um intenso mergulho no universo literário brasileiro e isso significa conhecer obras e autores; passa pela realização de leituras públicas nos mais variados locais (escolas, feira do livro, cursos de formação, eventos e colaboração em outros projetos de extensão da UFPel) e culmina com a troca de correspondência entre ouvintes e leitores.

Desenvolvimento do projeto:

A seleção dos acadêmicos e prioriza estudantes que tenham disponibilidade de despir-se de seus papéis tradicionais (adultos, estudantes, mães de família) e passem a representar os personagens dos contos maravilhosos. Demanda também, que esses se

fantasiem e se transformem ora em bruxas, ora em fadas, para vivenciar a multiplicidade de papéis encontrados na literatura.

Como primeira responsabilidade o estudante deve ler a obra de Monteiro Lobato. Logo depois, deve conhecer os referenciais teóricos a respeito da literatura, entre eles, Ana Maria Machado (2005), Fanny Abramovich (2003), Nelly Novaes Coelho (2000) e Regina Zilberman.

Outra das etapas do projeto de extensão “Alfabeta”, a preparação para as oficinas públicas acontece a partir de uma capacitação que consiste em selecionar, semanalmente, uma obra para ensaio e leitura diante do grupo e da coordenação. O intuito dessa exposição é o desenvolvimento da capacidade de se expressar publicamente além de internalizar um acervo de obras e autores. O desempenho das leituras realizadas por cada acadêmico é avaliado pelo próprio estudante, pelos colegas e pela coordenação.

A escolha das obras a serem lidas obedece a critérios advindos do saber sobre a literatura e da experiência do grupo: são obras apreciadas e que causam grande impacto entre o público ouvinte. Entre os critérios considera-se a necessidade de que tenha uma linguagem compatível com a infância, não deve ter uma moral explícita e deve permitir à criança reflexões sobre o tema tratado. Não ser sexista nem racista é condição imprescindível para ser escolhida.

Os autores privilegiados pelo grupo para as leituras públicas são brasileiros contemporâneos, entre eles, Adriana Falcão, Ana Maria Machado, Benita Prieto, Cláudio Tebas, Eva Furnari, Fernanda Lopes de Almeida, Joel Rufino dos Santos, Ruth Rocha e Sylvia Orthof. Nos quatro anos de existência do projeto de extensão foram os aprovados pelas crianças e demais ouvintes, o que torna o grupo responsável pela ampliação e constante pesquisa de novas obras e autores.

A caracterização dos acadêmicos como personagens da literatura para realizar as oficinas tem como objetivo estabelecer uma imediata conexão com o universo imaginário infantil. Como o interesse é formar ouvintes, apreciadores de literatura e logo leitores é preciso que o personagem receba, imediatamente, a atenção das crianças.

A realização das leituras necessita de um local apropriado, com espaço para que os ouvintes possam ficar organizados em um círculo e com isso exista uma interação do grupo de personagens com os leitores. Esse lugar pode ser a biblioteca, uma sala de aula com um tapete no chão ou qualquer outro local aconchegante e acolhedor.

A pré-leitura é realizada sempre imediatamente antes da leitura; ela se constitui de apresentação da capa do livro a ser lido, leitura do título e perguntas ao grupo com a intenção de conectá-los ao tema que será abordado. Os personagens, nesse momento, dão vazão a suas personalidades: comentários sérios do “Visconde”, convite à bagunça pela Emília, um pedido de silêncio pela “Dona Benta”, uma promessa de feitiço de alguma das bruxas e assim por diante. Da mesma forma, durante ou ao término da leitura manifestações das crianças são acolhidas e esse diálogo tem a intenção de criar um clima apropriado para conhecer o impacto da leitura nas imaginações delas além de prepará-las para escrever. Através de lembranças de situações que já viveram, com animais que possuem ou mesmo uma discordância com o destino dado pelo autor aos personagens, as crianças se autorizam a criar continuidades, finais inusitados e possibilidades novas para as tramas.

O trabalho do grupo de personagens que acompanha o leitor – qualquer um dos personagens está preparado para ler – é “cuidar” para que a dinâmica de grupo não se

destrua com interferências, comentários muito longos, ou barulho. Cuidar significa convidar, o tempo todo, todas as crianças para ouvir, para prestar atenção, e, no final, para opinar e escrever aos personagens.

Outra das atitudes que envolvem a continuidade do “Alfabeta” é a correspondência entre personagens e crianças. Essa troca ocorre logo depois das oficinas de leitura. Os personagens solicitam às crianças que escrevam, que manifestem suas opiniões. Com essa atitude o projeto vem adquirindo um “banco de escritas espontâneas” das crianças que permitiu também o surgimento de estudos sobre a aquisição da escrita. Acreditamos que ao se sentirem livres para escrever o que pretendem, o prazer pela escrita também se potencializa e os professores têm em mãos mais um produto da interação com a literatura que pode ser observado do ponto de vista pedagógico.

As cartas escritas pelas crianças chegam à Universidade e são respondidas individualmente pelo grupo de extensionistas: um trabalho muito cuidadoso, repleto de criatividade e respeito pelas confidências que as crianças fazem. Enquanto se responde uma carta pode-se falar como qualquer personagem, hoje ser bruxa e amanhã uma boneca de pano, por exemplo. Também são utilizados elementos que tornem este impresso mais vinculado ao universo do qual o personagem é oriundo: passam a fazer parte da resposta fragmentos de “pó de pirlimpimpim”, “barba-de-pau”, sementes de frutas, canela e açúcar, tule rosa e preto, enfim, sinais de que fadas, bruxas, tia Nastácia, Emília e demais personagens responderam a carta e “esqueceram” um pouquinho deles ali impresso.

Resultados: as “Oficinas” de Literatura Infantil

Em 2003 e durante quatro meses de projeto foram realizadas intervenções nas seguintes escolas: EMEI Paulo Freire, Escola Estadual de Ensino Fundamental Osmar Grafulha, Escola Maria Quintana, Escola de Ensino Fundamental Dunas, Colégio São José e Escola Estadual de Ensino Fundamental Elberto Madruga além de uma leitura em cada uma das aulas de Alfabetização no Curso de Formação em Pedagogia para Professores em Serviço.

Na “EMEI Paulo Freire” as oficinas foram na turma do Pré-Escolar 2, com onze meninas e nove meninos de cinco anos e nove meses a seis anos e nove meses, que estavam em meio a um processo de letramento.

Na “Escola Estadual de Ensino Completo Osmar Grafulha” realizamos oficinas de formação com funcionários da escola que se prontificaram a aprender a ler histórias para as crianças. Nessa mesma escola, inauguramos uma sala de leitura onde os alunos têm a possibilidade de ouvir histórias e, desse modo, entrar no mundo da imaginação e da fantasia.

Na “Escola Mário Quintana” realizamos uma oficina com todas as turmas desde a educação infantil até a terceira série. Nesse dia, inauguramos a caracterização, ou seja, nos vestimos como personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo (Narizinho e Dona Benta) iniciando uma imediata conexão com o universo que era familiar às crianças. Todas elas ficaram encantadas e entraram no mundo da fantasia, perguntando às personagens a respeito do que já sabiam sobre o Sítio.

Na “Escola de Ensino Fundamental Dunas” realizamos leituras para crianças e adolescentes de cinco a dezoito anos. Fomos, mais uma vez caracterizadas como personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Dessa vez, a Narizinho, a Dona Benta e a Emília se aventuraram a ler histórias para as crianças. Essa oficina foi incrível, pois

trabalhamos com a imaginação de adolescentes e crianças que moram em situação de risco num bairro da periferia de Pelotas.

No “Colégio São José” realizamos oficinas para algumas séries do Ensino Fundamental e participamos da Feira do Livro do Colégio, lendo para crianças das primeiras série do Ensino Fundamental.

Na “Escola Elberto Madruga”, situada no vizinho município de Capão do Leão, a leitura foi para crianças de várias idades que nos desafiaram a conquistá-las como ouvintes, uma vez que não tinham tido essa experiência anteriormente e se mostraram bastante curiosos.

A leitura em cada uma das aulas de Alfabetização no “Curso de Formação em Pedagogia para Professores em Serviço” foi caracterizada como de “formação continuada”. Têm como maior objetivo incentivar as professoras a se aventurarem na arte de ler histórias para seus alunos, além de proporcionar momentos de prazer durante as aulas do Curso de Pedagogia para professoras em serviço.

Após as oficinas, através de cartas, inicia-se uma comunicação entre nossos ouvintes e as personagens do Sítio, ou seja, inicia-se a prática e valorização de mais uma das funções sociais da escrita: a comunicação interpessoal.

Conclusão: histórias para ouvir e imaginar

Abordar o impacto das ações do Projeto de Extensão “Alfabeta” é afirmar que ele alcança uma intensa e qualificada troca de saberes entre Universidade e Sociedade. Primeiro, porque a formação de extensionistas, preponderantemente estudantes dos cursos de Pedagogia, diz respeito a possibilidade de preparar novos profissionais cientes do mundo do trabalho que os cerca e aptos a realizar mudanças em suas próprias atitudes e nos resultados possíveis com o público da escola: crianças que estão ingressando no mundo da leitura e da escrita..

Além disso, é inevitável pensar no processo de formação de professores que, a cada dia que passa e diante de descobertas que estão sendo feitas via pesquisa e extensão, tem originado novos saberes necessários ao exercício profissional, não sendo suficientes os cânones até então empregados na alfabetização de crianças, jovens e adultos.

O impacto das ações do grupo de leitura “Alfabeta”, no entanto, não se restringe à formação de acadêmicos, ou então não seria o projeto uma ação extensionista. O interesse também está voltado para colher, entre os professores, coordenadores, diretores e bibliotecários o interesse por ações similares na escola, que sejam permanentes e tão empolgantes para as crianças quanto o encontro com os personagens, as dinâmicas desenvolvidas e as obras e autores escolhidos.

As trocas entre professores e estudantes tem sido a ponte para um diálogo que é a base para o exercício de novos olhares a respeito da escola além de outras atitudes no trato da leitura e da escrita.

Ainda que o projeto de extensão “Alfabeta” esteja em seu início, os resultados parciais apontam que é possível modificar a relação das pessoas com a leitura, se e somente se conseguirmos transformar o que para muitos é uma atividade obrigatória em uma fonte de prazer. Através da criação de ambientes de leitura nas escolas, convites para seminários de formação de professoras, pedidos de listagem de livros adequados às bibliotecas escolares, compromisso das professoras com a troca de correspondências entre as crianças e os personagens que visitam a escola e a criação de “malas de

leitura” para que as famílias das crianças da escola possam dar continuidade, nos finais de semana, às leituras iniciadas na escola, se está produzindo uma cultura da leitura.

Através da escolha criteriosa de livros a serem lidos e do preparo para essa leitura em voz alta, realizam-se leituras que abrem caminho para a autonomia, a criatividade e a exploração de significados e sentidos. Estar disponível para atuar em escolas, levando até elas informações e atitudes é uma das atribuições da Universidade.

O extensionista que surge desse processo é capaz de, com sensibilidade incorporada a seu modo de agir, responsabilizar-se socialmente pela existência de um fenômeno como a não leitura, por exemplo. Responsável e sensibilizado, atuará no sentido de intervir, qualificar e fazer diferente quando for a sua hora.

Assim, o Projeto de Extensão “Alfabeta” pode ser avaliado pelo compromisso social que a Faculdade de Educação tem com a escola, sim, mas com as crianças que nela estão, mais. Se a escola não conseguir mudar, se os professores se mostrarem resistentes, acreditamos que as crianças, seus silêncios atentos, suas lágrimas, seus sorrisos são suficientes para dar continuidade ao trabalho.

Da natureza e missão da Universidade Pública a proposição de saídas teóricas e metodológicas, a ela cabe sensibilizar e produzir formas de participação solidária de jovens universitários com a realidade. O Projeto de Extensão “Alfabeta” tem feito a sua parte ao produzir olhares atentos, ouvidos sensíveis, vontade política, sentimento de solidariedade social, defesa do público, enfim, as qualidades de um extensionista.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo, Editora Scipione, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento, vida**. São Paulo, Peirópolis, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo, Moderna, 2000.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRO, Emilia & TEBEROSKI, Ana. **Psicogênese da Língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FURNARI, Eva. **Pandolfo Bereba**. São Paulo, Moderna, 2000.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LISPECTOR, Clarice. "Amor". In: MORICONI, Italo (org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LOBATO, Monteiro. **O Sítio do Pica-Pau Amarelo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LOPES NETO, Simões. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1957.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2000.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos desde cedo**. São Paulo: Objetiva, 2005.

MADEIRA, Maria Cristina. A leitura e a escrita em uma família de classe popular. **Alfabetização e Letramento**. Ano 1, Nº 1 (159-184). Pelotas: Editora e Gráfica da UFPel, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: ENESP: CONPED, 2000.

OLIVEIRA, Zilda Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

ORTHOF, Sylvia. **Maria-vai-com-as-outras**. São Paulo, Ática, 2003.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**. São Paulo, Salamandra, 1976.

SARAIVA, Juracy. **Literatura Infantil: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1988.

SOARES, Magda. **Metamemória – Memórias: A travessias de uma educadora**. São Paulo, Cortez, 1991.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

ZIRALDO. **O Menino Maluquinho**. Brasília: Melhoramentos, 1995.